



VI Simpósio Nacional de HISTÓRIA CULTURAL

Escritas da História: Ver - Sentir - Narrar

MODERNIDADE EM MATO GROSSO – O CINE-TEATRO CUIABÁ (1942) E A SIMBOLIZAÇÃO DO PROGRESSO CULTURAL.

Antonio Ricardo Calori de Lion*

Thaís Leão Vieira (Orientadora)**

1

A modernidade tão discutida e abordada pelas teorias que envolvem processos realizados ao longo do século XX se embasa aqui nos estereótipos e conceitos aplicados por Marshall Berman e Antony Giddens em suas obras. Para Giddens:

[...] “a “modernidade” pode ser entendida como aproximadamente equivalente ao “mundo industrializado” desde que se reconheça que o industrialismo não é sua única dimensão institucional.” (GIDDENS, 1991, p. 13)

Nas dimensões da ideia de progresso nas mais dinâmicas partes envolvendo as políticas aplicadas em projetos e planos nacionais para administrar e impulsionar processos de urbanização e “melhoria” dos espaços em áreas que eram vistas como atrasadas se aplica aqui, partindo da maneira europeia de ver a modernidade como resultado do processo de estabelecer padrões que resultariam em uma sociedade “menos arcaica” e “evoluída” provindo desse pensamento progressista.

* Graduando do curso de Licenciatura Plena em História da Universidade Federal de Mato Grosso/ Campus Rondonópolis.

** Professora Doutora do curso de Licenciatura Plena em História da Universidade Federal de Mato Grosso/ Campus Rondonópolis.

O advento da *era moderna* trouxe para o mundo algumas consequências que seriam ao passar dos séculos assimiladas por nossa civilização em aspectos geradores de discussões e aversões, como na obra de Bruno Latour onde discute a dicotomia existente nos termos modernidade, moderno e modernização. Segundo Latour:

“Moderno”, portanto, é duas vezes assimétrico: assinala uma ruptura na passagem regular do tempo; assinala um combate no qual há vencedores e vencidos. (LATOURE, 1994, p. 15)

Nas entranhas do tempo, a modernidade se assemelhou mais com o termo *progresso* no senso comum do que propriamente com as temporalidades de uma ruptura espacial e temporal em que a história da humanidade passou. A esfera cultural, parcela essa que seria tradicionalmente “não moderna”, passou também por tempos em que o modernismo visto por uma ótica futurista esteticamente narrado passaria também a integrar os planos modernos que abrangeriam a cultura como parte de projetos e colocaria isso sendo algo que sempre esteve lá, intocado, assimilado e incorporado pela população de determinada região. De acordo com Latour

[...] se jamais tivéssemos sido modernos, pelo menos não da forma como a crítica nos narra, as relações tormentosas que estabelecemos com as outras naturezas-culturas seriam transformadas. O relativismo, a dominação, o imperialismo, a má fé, o sincretismo seriam todos explicados de outra forma, modificando então a antropologia comparada. (LATOURE, op. cit. p. 16)

Em contrapartida com as experiências que são contrárias as estruturas modernas, podemos dizer que mesmo não estando integrados nessas estruturas antes vistas como forma e não como em um todo, passaríamos então a experimentar outro tipo de modernidade, as tendências prestadas desde o século XIX que levaria os Estados a tomar medidas padronizadoras que transcenderiam qualquer manifesto tradicional para projetar a imagem de “evolução” continua onde estaria impregnado o atraso.

Segundo Giddens

[...] a modernidade é vista como um monstro. Mais claramente talvez do que qualquer de seus contemporâneos, Marx percebeu o quão destruidor, e irreversível, seria o impacto da modernidade. Ao mesmo tempo, a modernidade era para Marx o que Habermas chamou com precisão de um "projeto inacabado". O monstro pode ser domado, na medida em os seres humanos sempre puderam submeter ao seu próprio controle o que eles criaram. (GIDDENS, 1991, p. 123)

O autor usa nessa perspectiva a ideia material construída pelo capitalismo através do século XIX, ideia essa que derivou as citações de Marx e a aversão em relação ao pensamento moderno e a modernidade criada segundo o próprio Giddens um “costume de vida ou organização social que emergiram na Europa a partir do século XVII”.

Mesmo estando envolvido com transformações ditadas pelo modo capitalista de produção em sua decorrência nas partes centrais em que se situa as discussões acerca da modernidade e os “abismos” criados por ela, há particularidades vistas nesses processos que colocariam pontos positivos em suas fases classificadas e dotadas de sentido, posteriormente, relacionada com discursos teóricos não vulneráveis aos tramites internacionais de seu padrão progressista, influência essa que levaria as mais remotas partes do mundo a estabelecer nesses padrões europeus modelos a serem seguidos para em futuros discursos descrever áreas colonizadas por povos indígenas como sendo “vazias e inóspitas” conseguindo assim a modernização desses espaços.

Não ver as diferenças existentes entre o que era um discurso político e as constantes tentativas de trazer tendências absolutas capitalistas para os países subdesenvolvidos trouxe os grandes abismos narrados por Giddens, porém

[...] tanto Marx como Durkheim viam a era moderna como uma era turbulenta. Mas ambos acreditavam que as possibilidades benéficas abertas pela era moderna superavam suas características negativas. (GIDDENS, op. cit. p. 13)

As “características positivas” em que acreditavam Marx e Durkheim eram as principais formas de não segregação que a modernidade poderia colocar a população. Mesmo neste estágio, haveria de existir tramites em que dentre os processos modernizadores pudesse existir a melhora na qualidade de vida e exploração de recursos provindos com a industrialização e nessa parte encontramos também o cerne desse discutido *progresso* proveniente das formas capitalistas já enraizadas no cotidiano de grandes cidades. Essa modernização que teria *status* revolucionário principiado nas formações de capitação das mecanizações que impera o valor das produções em massa passaria a integrar a cultura daquela população mais “artesanal” que existisse, varrendo assim modos de produção artesanal sendo considerado um estilo atrasado.

O “ser moderno” segundo Berman traça possibilidades e perigos na vida, isso é *modernidade*. Para Berman ser moderno é

[...] encontrar-se em um ambiente que promete aventura, poder, alegria, crescimento, autotransformação e transformação das coisas em redor — mas ao mesmo tempo ameaça destruir tudo o que temos, tudo o que sabemos, tudo o que somos. (BERMAN, 1986, p. 9)

Parafraseando Giddens, em suas características, o que separa a era moderna de qualquer período anterior é seu extremo dinamismo. Essa característica faz o “ser moderno” se adaptar a qualquer meio onde é aplicado, com qualquer modo, seja pelas ondas da industrialização, seja pelo processo cultural, seja pelo advento tecnológico.

Triunfar sobre as maneiras que a tradição impõe sobre as vertentes nomeadas como cultura popular é um exemplo de capacidade dinâmica de se colocar a frente da própria criação primogênita e se prostrar com elegância ao nível da seriedade impactada pela modernidade adotada.

Os dinamismos que Giddens fala podem também ser pensados na trajetória dessa modernidade antes vista como sendo a “salvação da humanidade” e no século XX apresentou outro aspecto, pelas guerras e disputas que se conseguiram chegar, tornando-se sombria, voltando ao ponto que Berman tratava sobre isso. Para essa discussão Fernandes diz que

[...] a modernidade do século XX trouxe perspectivas jamais imaginadas sobre formas de extermínio da espécie humana, como as guerras mundiais, a ameaça nuclear química e bacteriológica, a constante eclosão de guerras regionais, a destruição e ameaça de ecossistemas, agressões ao meio ambiente. O século XXI vem apresentando uma continuidade destas perspectivas sombrias, onde mesmo equipamentos pacíficos, como aviões comerciais passam a ser utilizados como armas de guerra, ameaçando e aniquilando inocentes. (FERNANDES, 2004, p. 22)

Se essa modernidade se tornou voraz conforme os séculos e sua aplicabilidade puderam ser desviados de um propósito comum, os autores aqui tratados não escondem essa discussão. As vulnerabilidades dos meios modernizadores não são tangíveis e previsíveis, pois com o avanço tecnológico e tendo em vista que hoje o *ser moderno* abrange o domínio de tecnologias – os meios digitais, principalmente - estamos lidando então com um campo muito sensível dos panoramas tornados imprevisíveis pela

modernidade de outrora, que na verdade, nunca foram claros. As discussões quanto a modernidade passam por muitos conceitos e discussões que nos levam a interagir com uma gama de representatividades e simbologias modernas e modernistas que podem se confundir com estética e representatividades a maneira que construímos narrativas e subjetividades específicas ao lidar com temporalidades e dimensões tomadas pela amplitude do fator moderno.

Apresentando-se como fator a transformar tempos e espaços, a modernização seguiu-se em planos e projetos levados no bojo de políticas públicas que abrangeram grande parte do mundo e do Brasil, transformando a maneira que esses planos foram sendo incorporados, as cidades por onde se adotaram assim uma magnitude específica de aptidões que com ressalvas, foram lidando com os processos educacionais e culturais para alavancar as estruturas almejadas pelos “zeladores” desses projetos modernizadores na qual se inspiraram muito em contextos europeus e americanos na tentativa de levar o progresso onde “não havia nada”.

Com essas marchas modernizadoras surgiu o projeto de modernização de Mato Grosso, a começar pela sua capital, Cuiabá, que despontava nesses planos envolvendo educação, cultura e mais adiante a industrialização.

O processo modernizador de Mato Grosso mais especificamente de sua capital, Cuiabá, se inicia, de acordo com Francisco (2010), na segunda metade do século XIX, com empresas e transportes se estabelecendo, o estado passa então por uma nova fase no processo de urbanização que abrange não só as ditas melhorias urbanas na cidade, mas também alguns pontos do estado.

Francisco (op. cit.) diz quanto a essa proposta de modernização do estado, que

[...] inserido no conjunto das transformações ocorridas no país na segunda metade do século XIX e das demandas internacionais da divisão mundial e regional do trabalho, Mato Grosso apresentava-se no cenário nacional, por sua localização e formação histórica, como espaço de contínuo gládio entre as imagens do atraso e as imagens do progresso. [...]

Na medida em que a Cuiabá passava por grande mudança principalmente por não haver a muitos anos grande demanda por ter passado pela decadência do ciclo aurífero, os projetos de transformar a cidade com “ares de vila provinciana” à uma

capital em sua estrutura e imagem fazia com que os esforços governamentais não fossem só nos parâmetros do progresso urbano em transformar ruas que ainda estavam sem pavimentação em avenidas ou atrair investimentos, mas também tentar trazer educação de qualidade, assim começa a história da vinda e instalação dos salesianos em Mato Grosso, na última década do século XIX.

A intenção desses projetos e esforços governamentais não era apenas para transformar a capital, que ainda não adquirira “aparência” de sede governamental do estado, mas também com a intenção de passar para a capital do país, na época a cidade de Rio de Janeiro, a imagem de civilidade, de preocupação e qualidade com a educação dos jovens mato-grossenses. Parafraseando Francisco, para Mato Grosso, para o Brasil, modernizar-se era civilizar-se, abrir-se aos parâmetros e valores do *ethos* capitalista oriundos do cenário europeu.

Depois de passar pela instauração de um novo sistema educacional na cidade de Cuiabá e a missão dos salesianos fazer romarias pelas comunidades indígenas, o processo modernizador de novos espaços do estado chega a então região sul (que hoje compreende território de Mato Grosso do Sul) a estrada de ferro Noroeste do Brasil, que ligava Bauru, no interior de São Paulo, a Corumbá. O projeto inicial dessa ferrovia era de ligação da mencionada cidade paulista à Cuiabá, mas houve um desvio quando chegou a Campo Grande e terminou na fronteira do país. Francisco (op. cit.) diz ser “fator expressivo do movimento de modernização” a chegada da estrada de ferro em terras mato-grossenses. A intenção do governo do estado da época era fazer com que a estrada de ferro chegasse até a capital mato-grossense, porém isso não ocorreu e a proposta atual do governo é com que a *Ferronorte* passe por Cuiabá e cidades vizinhas, como Rondonópolis.

Adentrando as novas políticas vividas no Brasil em fins dos anos 1920, Mato Grosso passa então por uma nova fase no processo de urbanização e caracterização por novas construções em sua capital e demais cidades do interior, mas nos fixaremos nesse ponto apenas em Cuiabá.

Com o Estado Novo surge a preocupação de Getúlio Vargas em abrir um amplo processo de urbanização e modernização da capital mato-grossense, sendo que um dos programas do seu governo dentro do projeto de “*Integração Nacional*” fora a

Marcha Para o Oeste, no qual os irmãos Villas Bôas participaram e fizeram história na colonização dos ditos “espaços vazios” da região centro oeste.

Somente a partir da década de 1940 é que a política estadual de colonização voltou a ser implementada com a ‘Marcha para o Oeste’, política de ocupação dos “espaços vazios” do oeste e da Amazônia posta em prática pelo governo ditatorial de Vargas (1930/1945), visando à expansão da fronteira agrícola nacional a partir da criação de ‘colônias agrícolas nacionais’. Com essa política, pretendia-se diversificar a produção necessária ao abastecimento alimentar dos centros urbanos e ao fornecimento de matérias-primas para o desenvolvimento industrial em curso no país desde a ascensão de Vargas ao poder, em 1930. (MORENO, 2005, p. 54 apud VASCONCELOS, P. 5)

A Marcha Para o Oeste fez com que não só tivesse um grande fluxo migratório para as regiões “desabitadas” de Mato Grosso, mas também a capital passasse por uma ampla modificação e construção de novos espaços destinados as mais diversas finalidades, desde avenidas à Casa dos Governadores.

[...] Um exemplo seria a abertura de uma grande avenida partindo da Praça Alencastro, paralela à rua Cândido Mariano, no lugar da antiga rua Poconé, que na época era apenas um caminho, cruzando a Barão de Melgaço (antiga rua do Campo) e a Comandante Costa (antiga rua da Fé). A nova avenida recebeu o nome de Getúlio Vargas. Para estimular a ocupação da avenida, o Governo possibilitou às elites locais acesso aos lotes, com a garantia de construção de moradias de alto padrão. (VASCONCELOS, p. 4)

As obras e os projetos na Avenida Getúlio Vargas obteve grande mudança e um longo projeto de urbanização fora traçado. Foram construídos nessa avenida o

[...] Grande Hotel, o Cine-Teatro e as repartições do serviço público que provocaram aumento na movimentação dos primeiros quarteirões, determinando à aptidão comercial no seu trecho inicial. (VASCONCELOS, op. cit.)

Ainda nesses projetos constaram obras no antigo porto na qual foi construída

[...] a primeira ponte de concreto sobre o rio Cuiabá, proporcionando a ligação entre Cuiabá e Várzea Grande. (VASCONCELOS, op. cit.)

Nesse amplo processo de construções para uma cidade que até então não tinha “porte de capital”, Cuiabá tem em 1941 a proposta da criação do Cine-Teatro que gera a expectativa de ares de modernidade para a cidade e assim uma simbolização do

progresso cultural baseado no modelo da capital nacional da época, a cidade de Rio de Janeiro, modelos esses que eram importados dos teatros europeus.

A construção desse cinema fazia parte de um conjunto de obras oficiais empreendidas pelo município, estado e pelo Governo Federal, ao lado de outras obras consideradas mais importantes como a Residência dos Governadores e o Grande Hotel, durante o período ditatorial de Getúlio Vargas e Júlio Strubing Müller como Interventor em Mato Grosso. (SILVA, 2009, p. 1)

Nessa perspectiva, a obra que envolvera o Cine-Teatro Cuiabá entre outras no que é a Avenida Getúlio Vargas, foi calcado não só nos símbolos e representatividades que geraria os espaços e a ascensão cultural de Mato Grosso vista não só pelo teatro, mas principalmente pelo cinema. De 1941 até a sua inauguração em 1942, o Cine-Teatro Cuiabá sempre foi visto como um espaço de representação da modernidade tão almejada pela população cuiabana da época na capital mato-grossense. Com a inexistência de um teatro ou local para projeção, em 1941 começam a construir o prédio do Cine-Teatro que em setembro deste mesmo ano é publicado no Diário Oficial do Estado o arrendamento do espaço para construção e a locação para a empresa que fosse administrar.

Da licitação para as empresas se inscreverem no processo, quem ganha é a empresa do italiano Francisco Laraya:

SECRETARIA GERAL DO ESTADO

CONTRATO de locação do próprio estadual, denominado “Cine-Teatro Cuiabá”, situado à avenida “Presidente Vargas”, nesta capital, para sua exploração como Cinema, Teatro e Salão de Chá, com funcionamento contínuo.

Aos vinte e quatro dias do mês de janeiro do ano de mil novecentos e quarenta e dois, no Gabinete da Secretaria Geral do Estado, presente o respectivo titular, Excelentíssimo Senhor João Ponce de Arruda, compareceu o senhor Francisco Laraya, de nacionalidade italiana, casado, comerciante, domiciliado e residente nesta Capital, e disse que em face do despacho proferido em 17 de dezembro ultimo, pela mesma Secretária Geral, no respectivo processo de concorrência pública, o qual acolheu a sua proposta, por ser a mais conveniente aos interesses do Estado, vinha assinar o contrato de locação do próprio estadual denominado “Cine-Teatro Cuiabá” situado à avenida “Presidente Vargas”, nesta capital, para sua exploração como Cinema, Teatro e Salão de Chá, com funcionamento contínuo mediante as obrigações expressas nas seguintes cláusulas:

PRIMEIRA

O Estado de Mato Grosso, representado pelo titular da Secretaria Geral, loca, pelo prazo de dez (10) anos a contar da data da assinatura deste contrato, ao senhor Francisco Laraya, o próprio estadual denominado “Cine-Teatro Cuiabá”, nesta capital, para sua exploração como Cinema, Teatro e Salão de Chá, com funcionamento contínuo.¹

Após esses tramites legais entre o Estado e empresa que fosse administrar o espaço do Cine-Teatro Cuiabá, começou-se a especulação para a grande inauguração da “majestosa casa de diversões local”² em o jornal O Estado de Mato Grosso revela para a população no dia 10 de Maio de 1942 a película que inauguraria o Cine-Teatro Cuiabá, o filme *A Noiva Caiu do Céu*, com Bette Davis e James Cagney.³ Porém, o palco do Cine-Teatro já havia sido inaugurado em 14 de abril de 1942 com a peça *Cala a Boca Etelvina* de Adhemir Gonzaga, e teve ampla divulgação pelo jornal O Estado de Mato Grosso a respeito da apresentação da peça.

O teatro outrora visto como grande forma de manifestação “[...] com o objetivo de dominar Mato Grosso por meio da arte”⁴ não tinha mais essa mesma função na primeira metade do século XX. Com a inauguração do Cine-Teatro esse gênero artístico voltou a ser visitado com frequência, mas o cinema ainda assim representava o “progresso” que a população queria ver acontecer na cidade.

O cinema marcava na década de 1940 em Cuiabá o mais alto padrão de entretenimento artístico-cultural para a população da cidade. A vinda de novos e modernos projetores e a abertura do espaço do Cine-Teatro Cuiabá para a reprodução de filmes Hollywoodianos trouxe aos cuiabanos ares de progresso.

Houve quem dissesse que o teatro era a vida. Hoje podemos dizer que o cinema é mais do que a vida. O cinema nos ajuda a abrir um agradável parêntesis de uma ou duas horas depois de um fatigante dia de trabalho, e fugir da vida, dessa vida cheio de ódios e disputas. Fugir da vida e mergulhar no sonho...⁵

¹ Diário Oficial do Estado de Mato Grosso, 04/02/1942. p.5

² O Estado de Mato Grosso, 10 de Maio de 1942, p.1

³ Idem.

⁴ SILVA, Agnaldo Rodrigues da. Teatro mato-grossense: história, cultura e ideologia. Universidade Estadual do Mato Grosso.

⁵ O Estado de Mato Grosso, 17 de Maio de 1942, p.3

Com a abertura do palco do Cine-Teatro Cuiabá e o processo de interiorização cultural no Brasil, chega a Cuiabá em 22 de novembro de 1942 a cantora gaúcha lírica Thaís d' Aita que tem sua apresentação divulgada pelos periódicos da cidade. Sobre isso, o jornal O Estado de Mato Grosso diz:

A presença de uma cantora lírica em Cuiabá é quase um acontecimento. E isso porque estamos distanciados dos centros artísticos do país e o espírito de intercâmbio cultural no Brasil todo ainda se encontra em sua fase embrionária.⁶

Essa distância cultural abordada neste trecho acima diz respeito ao eixo cultural Rio de Janeiro - São Paulo, em muitas páginas desse periódico foram encontradas nas colunas, reportagens e coberturas de apresentações fílmicas e teatrais comparações e ilustrações do que estava acontecendo neste eixo cultural que era tido como padrão a ser alcançado em Cuiabá. A apropriação do entretenimento como simbolização do processo modernizador ou do ‘progresso’ da cidade de Cuiabá foi abordado por Jussara Alves da Silva que diz

[...] em 1932, havia em Cuiabá oito cinemas com pequenas salas reproduzindo seriados e filmes e que o “atraso” de pelo menos, dez anos na construção de uma grande sala, dificultou o processo de modernização da cidade. [...] observa-se que o Cine Teatro era visto como símbolo do desenvolvimento e do progresso.⁷

Por considerarem assim o processo modernizador de Cuiabá estritamente ligado a “nova” forma de arte e entretenimento –o cinema- o espaço dedicado às projeções era para consagrar a corrida das amplas obras realizadas pelo governo do estado em tornar a capital mato-grossense uma cidade com a devida propriedade de centro político do estado, já que Campo Grande, maior cidade do sul do então estado de Mato Grosso unificado reivindicava o direito de ser capital, pois alegavam estarem ligadas ao sul e sudeste do país por linha férrea e Cuiabá não ter estrutura de capital, sendo considerada “atrasada”.

⁶ Idem. p.1

⁷ SILVA, Jussara Alves da. Cine-Teatro Cuiabá: representações, práticas e sociabilidades na década de 1940. IN: Congresso Nacional de História, ISSN 2175-4446, 2009, Maringá. *Resumos...* Maringá, 2009. p. 4185-4192.

Por meio disto, dessa apropriação do uso do Cine-Teatro Cuiabá como elemento a construir uma análise revendo a historiografia de Mato Grosso que não abrange com tantos méritos os contextos modernizadores pelas ascensões e representação artísticas em suas várias formas, propomos a (re) leitura de documentos e periódicos a fim de nos levar a contradições nos discursos políticos da época nesse processo modernizador e o levantamento das justificativas do Estado em usar a construção de um cine-teatro em Cuiabá como sendo marco na propagação do progresso não só da capital, mas do estado como um todo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido se desmancha no ar: a aventura da modernidade**. São Paulo: Companhia das letras, 1986.

Diário Oficial do Estado de Mato Grosso (1941-1942).

FERNANDES, Claudio Tadeu Cardoso. **A crítica da modernidade: breves reflexões de Anthony Giddens, Emmanuel Wallerstein, David Harvey, Milton Santos e Edgar Morin**. IN: Universitas - Relações Int., Brasília, v. 2, n.2, p. 17-23, jul./dez. 2004.

FRANCISCO, Adilson José. **Educação e modernidade: os salesianos em Mato Grosso 1884-1919**. Cuiabá: EdUFMT, 2010.

GIDDENS, Anthony. **As consequências da modernidade**. São Paulo: Editora UNESP, 1991.

GIDDENS, Anthony. **Modernidade e identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002.

LATOUR, Bruno. **Jamais fomos modernos: ensaio de antropologia simétrica**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1991.

O Estado de Mato Grosso, Cuiabá, Jan. a Jun. 1942, APMT/ Prat. 03-A Caixa 004/005

SILVA, Agnaldo Rodrigues da. **Teatro mato-grossense: história, cultura e ideologia**. Universidade Estadual do Mato Grosso. Disponível em < <http://www.msmidia.com/conexao/3/cap5.pdf> > Acesso em 04 de janeiro de 2012.

VASCONCELOS, Laura Cristina da Silva. **O processo de Expansão urbana de Cuiabá: Mato Grosso, Brasil**. Universidade Federal de Mato Grosso, 2007?

VI Simpósio Nacional de História Cultural
Escritas da História: Ver - Sentir - Narrar
Universidade Federal do Piauí - UFPI
Teresina-PI
ISBN: 978-85-98711-10-2

Disponível em < http://egal2009.easyplanners.info/area05/5581_Vasconcelos_Laura_Cristina_da_Silva> Acesso em 07 de junho de 2012.